

**PORTO, PORTUÁRIO E IMAGINÁRIO.
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DO
IMAGINÁRIO NOS PORTOS DE SANTOS, DE A CORUÑA E DE
VIGO**

Antonio Carlos Freddo – Universidade Católica de Santos; acfreddo@unisantos.br

Esther Cabado Modia – Universidade Bandeirante de São Paulo;
ecmodia@terra.com.br

Luciano Antonio Prates Junqueira – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;
junq@pucsp.br

Luís Caramés Viéitez – Cátedra Bolívar; Universidade de Santiago de Compostela;
luis.carames@usc.es

Resumo

Este texto se baseia na formulação teórica de duas pesquisas exploratórias com o tema da construção imaginária do portuário nos portos de Santos, A Coruña e Vigo. A formulação da teoria se dá em caráter exploratório, com o fim de explicar o porto como organização e como o portuário o vê, como constrói uma relação imaginária com ele e se associa a essa imagem. A proposta do estudo é examinar os processos que levam o portuário a incorporar as estruturas de poder e autoridade, a cultura, as normas, as leis, que refletem a dinâmica da esfera simbólica do porto, assim como incorporar a construção imaginária do porto, que levam o portuário a pensar enquanto sujeito do porto, enquanto portuário, e que o fazem produzir, ideologicamente, sua estrutura simbólica e imaginária e, por conseguinte, suas estruturas de poder, autoridade, dominação, usos e costumes etc, que perpetuam a organização enquanto tal e a reprodutibilidade do trabalho pensado como tal, isto é, como sujeitos que reproduzem a organização, imaginária e simbolicamente.

Palavras-chave: Porto; Imaginário; Dominação; Trabalho; Sociologia Econômica

Abstract

This text is based on the theoretical formulation of two exploratory researches having as main object the imaginary construction of the port workers in the ports of Santos, A Coruña and Vigo. The theoretical formulation has an exploratory basis, trying to explain the port as an organization and how the port worker sees it, constructs an imaginary

relationship with it and associates to this image. This study proposes to examine the processes that conduct the workers to incorporate the structures of power and authority, culture, norms and laws that reflect the dynamics of the port symbolic sphere, and how the workers incorporate the port imaginary construction that leads the worker to think as a subject, as a *port* worker, and that makes them to produce, ideologically, its symbolic and imaginary structures and so far its power, authority, and domination structures that perpetuate the organization and the reproduction of the work thought as such, that is, as subjects that reproduce the organization in an imaginary and symbolic ways.

Keywords : Port; Imaginary; Domination; Work; Economic sociology

Introdução

Este texto é decorrência de análise continuada da dinâmica do trabalho enquanto possível instância (re)formadora da subjetividade. Consta, de certa forma, de uma avanço teórico na pesquisa mesma, e utiliza-se de textos escrito em distintos momentos. O interesse pelo tema começou com o sujeito *no* trabalho, quer seja, com uma dinâmica “geral” do trabalho e passou a ser o sujeito e *seu* trabalho. O eixo central, quer seja, a temática central, está sendo utilizada, por sua vez, como um dos eixos teórico de pesquisa pós-doutoral abordando a sociologia econômica do trabalho enquanto centrada no sujeito (o portuário) e sua percepção (construção imaginária) de sua inserção no trabalho e de sua vivência (experiência subjetiva) enquanto sujeito inserido na dinâmica do trabalho e na estrutura do porto enquanto seu espaço existencial por excelência.

Assim, três são as realidades em análise:

- a) o Porto de Santos, que, com seus 8 milhões de m², 13km de cais, ainda o maior porto do Brasil, e que vem sendo privatizado pelo método do arrendamento de áreas operacionais desde 1993 com a promulgação da Lei de Modernização dos Portos;
- b) o porto de Vigo, menor mas não menos importante, até por tratar-se de um porto conhecido desde a época da chegada dos romanos na Galícia;
- c) o porto de A Coruña, citado por Aristóteles e Heródoto, e que, neste momento passa por aquela que talvez seja a fase mais importante de sua história: o porto vai mudar de lugar depois de 2500 anos ocupando o mesmo espaço físico na cidade de A Coruña.

A questão fundamental no desenvolvimento da pesquisa foi como o portuário percebe a realidade portuária, e se dá conta de sua realidade, enquanto trabalhador do porto, enquanto sujeito do porto. Ou seja, como se dá sua filiação imaginária ao porto? O ponto de partida, aqui, é que a realidade é apreendida imaginariamente pelo sujeito e que esta constrói seu real.

Assim, ao falar de uma representação do sujeito, do portuário, com respeito ao porto, não se fala apenas de uma representação social do porto. Mais que social, se trata de uma representação sócio-econômica, que levaria, no final da pesquisa, a uma sociologia econômica do trabalho no porto, apesar de poder-se afirmar que um porto é diferente do outro por ser uma realidade em constante re-construção. Mas isso vale, também, e principalmente, para o sujeito. E o fato relevante, aqui, é que o sujeito é uma construção ideológica, já que a apreensão da realidade é um processo formador de consciência, que opera no nível inconsciente, sendo que o retorno dos dados da realidade ao consciente, passagem que constrói o real, se dá sob a forma ideológica.

Os problemas que emergem da análise da estrutura portuária mostram que continua mais do que atual a afirmação de Weber que o mercado e o comércio dizem respeito à uma luta, do homem com o homem (*ein Kampf der Menschen mit dem Menschen*). Uma luta que o poder de uns desequilibra o suposto poder de outros, inseridos no mesmo espaço vital do sujeito, do portuário. Não nos esqueçamos que estamos falando, basicamente, para utilizar a terminologia de Weber, de dois tipos de organizações: as econômicas, no nosso caso o porto e os operadores portuários; e as economicamente reguladoras, no caso, os sindicatos de portuários.

Assim, é possível dizer que o real do sujeito se refere a uma realidade idealizada, ou seja, uma falsa concepção da realidade. O porto é a alma da cidade, diz um portuário. Por isso, é também possível falar de uma manipulação do portuário por parte da organização e de sua conseqüente utilização como instrumento. Sem o porto a cidade não existiria, diz outro portuário. Eis aqui, pode-se supor, o mecanismo que permite o aparecimento da autoridade, na verdade um interesse, que a organização afirma ter para atuar sobre o sujeito. Ora, não nos esqueçamos: o desejo da organização é reproduzir-se.

Por isso, pode-se ir mais longe e afirmar que o que distingue a autoridade é o inquestionável reconhecimento daqueles cuja obediência é solicitada. Já foi dito que manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Há, aqui, ademais, uma nova questão: baseado em que a organização detém o inquestionável reconhecimento daqueles a quem exige obediência, isto é, dos portuários? Baseados em que os portuários re-conhecem a autoridade da organização? Não nos esqueçamos que a autoridade, uma vez reconhecida, torna-se legítima.

No que se refere à realidade apreendida pelo sujeito, há que se recordar que, por ela estar instalada no inconsciente e ultrapassar a intencionalidade do sujeito, é de natureza superegóica. Assim, ao se falar da apreensão da realidade portuária pelo portuário, está-se falando de uma realidade existente em uma dada estrutura organizacional, o porto. A questão que se levanta é que essa realidade é idealizada por *um outro sujeito*, que detem o poder e o exerce sobre seus liderados. Trata-se de uma dinâmica utilizada pelo porto para “filiar” o sujeito, para “aderir” o sujeito a um discurso que tem por objetivo manter a estrutura organizacional portuária dominante. Como o processo de construção ideológica é inconsciente, e assim também o é sua reprodução, a “filiação”, a “aderência”, a “colagem”, do portuário ao discurso do porto tem um preço: a reprodução desse mesmo discurso na dinâmica social imediata do sujeito, seu campo psicológico, que é seu espaço vital mais o seu ambiente imediato.

Por isso, a representação que o sujeito tem da dinâmica portuária é mais que uma representação social. Ela é uma representação sócio-econômica, da qual se aproveitam o porto e as lideranças políticas. Essa representação imaginária e ideológica que o sujeito tem da dinâmica portuária remete, ainda, à esfera simbólica do sujeito, construída a partir da representação que ele tem de sua realidade. O portuário se toma, assim, pelo que não é, e vê nos outros, aqueles contrários à suas idéias, os perigos que o porto e os políticos apontam.

A “filiação” imaginária do portuário

Busca-se, assim, nesta pesquisa, compreender o “mecanismo” da manipulação do inconsciente do sujeito no porto, ou seja, do portuário; qual é o “mecanismo” da “filiação” imaginária do portuário ao porto, tido este como uma provável “Outra Cena”, construída pela ação estratégicaⁱⁱ.

Trata-se, aqui, de duas *funções* da ação estratégica enquanto instituinte dessa Outra Cena: que é a ação estratégica, na dinâmica de seu entrelaçamento com a ação instrumental, que determina o “lugar” do sujeito; e que é a ação estratégica que “constrói” o que aqui se vai chamar de cenário perlocucionárioⁱⁱⁱ, esfera por excelência da atuação dos sujeitos nesse grupo intencionalmente construído e constantemente reconstruído que é a organização portuária, como um todo, onde as ações dos sujeitos se orientam pelo comportamento de outros sujeitos.

Não deixando de recordar, mais uma vez, que uma ação é social, na medida em que seu significado subjetivo leva em conta o comportamento de outros sujeitos e, em função disso, é orientada em seu curso. Apesar de ter ficado evidente, neste primeiro momento da pesquisa, dois conceitos weberianos, quer seja, a dominação em virtude de interesses (econômicos) e a dominação em virtude da autoridade, e de ter ficado claro, por parte dos sujeitos que, para eles, quem tem o poder de controlar e dispor está numa posição vantajosa^{iv}, e de ter ficado claro, também, que eles querem, de algum modo, ocupar essa “posição vantajosa”, não há espaço, nesta pesquisa, para aprofundamento da questão.

É essa dinâmica que vai instituir o ideológico, por excelência, no porto: a identificação imaginária do *Eu* com a imagem do *outro*, que, na “Outra Cena” construída pela ação estratégica é o porto; “Outra Cena” que institui o sistema imaginário do porto; “Outra Cena” que vai constituir o sujeito a partir de uma “nova” filiação do sujeito a esse significante que é a imagem do porto; “Outra Cena” que é narcísica. “Outra cena” que pode ser vista como um sistema imaginário (proposta inicial da pesquisa). O porto é, efetivamente, tratado como um sistema imaginário seus “freqüentadores” que querem aí “formar seus sujeitos”. Além disso, o porto se apresenta aos seus sujeitos, como uma esfera cultural, simbólica e imaginária, no sentido de que a procura capturar os indivíduos na armadilha dos seus próprios desejos de afirmação narcísica e de identificação, nas suas

fantasias de onipotência ou na sua necessidade de amor. O porto é minha vida, diz um portuário. O porto é uma estrutura que se declara capaz de responder aos desejos do sujeito naquilo que apresentam de mais excessivo ou de mais arcaico (afirmação narcísica que se manifesta sob o rosto do líder^v, do tirano, do organizador e do sedutor. Encontra-se aí, também, a identificação amorosa do sujeito com o outro (O porto é minha família, diz o portuário). Mas a transformação das fantasias em realidade é uma ilusão mortífera, já que é uma fantasia. O sujeito não se dá conta de sua fragmentação. Este é o dilema do espaço convertido Outra Cena.

A máscara da organização é por de manifesto o problema da *alteridade*. Ao mesmo tempo que declara a aceitação do outro enquanto sujeito pensante e autônomo, faz de cada um uma marionete sem fios: o sujeito é pensante e autônomo desde que o seja em nome da organização, posto que não há outra forma de ser sujeito na organização. E o gerente de operações disse ao portuário: “Vá para casa e pense no que é mais importante para você: trabalhar aqui ou fazer aquele curso”.

Afinal, desde Adam Smith a Weber e a Taylor e a Ford, até hoje é ela, a organização, que empunha o “chicote da fome”.

A organização moderna é lugar de uma ideologia que serve de lei organizadora da vida física e da vida mental e social dos sujeitos, posto que ela se crê portadora de vocação para encarnar o bem comum. Sua metáfora máxima é a conversão dos desejos em desejos socialmente aceitos. Garante-se, assim, o poder sobre o inconsciente do sujeito. A organização propõe, ainda, uma relação social formadora e socializadora de sujeitos, de acordo com um código específico de comportamentos e valores a partir do qual pretende desempenhar o papel de regulador social global. Para isso, a organização joga com a alteridade, com a aceitação do outro como se fosse sujeito pensante e autônomo. Joga com a entrada do sujeito em um universo específico de valores, criando normas particulares, sistemas de referências, mitos, e uma ideologia que serve de lei organizadora, não apenas da vida física do sujeito na organização, mas também de sua vida social e, principalmente, de sua vida mental.

A organização favorece, também, a manifestação das pulsões, sob a condição de que sejam metaforizados e metabolizados em desejos socialmente aceitos *para ela*. Ela

valorizará o desdobramento das fantasias e das projeções imaginárias, mas somente na medida em que as fantasias e as projeções imaginárias do sujeito se relacionem com a consecução dos objetivos organizacionais. Do mesmo modo, a organização trabalhará com símbolos que têm a função de unificação, assegurando o êxito de sua penetração no inconsciente do sujeito, posto que é nesse espaço onde se garantirá sua permanência no mundo. Como o portuário, do Porto de A Coruña, cuja história familiar remonta a 6 gerações de sua família trabalhando no porto.

A ironia fica por conta de que as organizações constroem uma metáfora do bem comum, da criação do bem e da moral, de valores. É por isso que se fala de um cidadão que ama sua pátria; que se fala de sujeitos que tenham seu sistema de valores aderentes aos valores da organização; que se fala de um só mundo. A organização, ao crer ser portadora do bem comum, crê, também, que o bem da humanidade se tornará possível somente se as pessoas depositarem sua confiançanelas, nas organizações. Ademais, as organizações oferecem ao sujeito uma cultura, um sistema de valores e de normas, um sistema de pensamento e de ação que deve re-estruturar seu comportamento, re-elaborar sua maneira de viver na organização a fim de facilitar a edificação de uma obra pseudo coletiva.

Ao desenvolver-se um processo de formação e de socialização dos sujeitos, a fim de que cada um possa definir-se com relação ao ideal proposto, o sujeito, na empresa, passa a ser uma metáfora, uma ironía. É como a metáfora do exército, que forja homens. A organização forja inconscientes. Forja, além disso, o mito unificador de que o bem da humanidade somente poderá ser realizado se a sociedade por sua confiança nas organizações.

Mas o momento ideológico da organização é quando ela conta sua história, fala de seu herói. É o momento do *che voui?*, como se respondese aos apelos, angústias, fantasias do sujeito. Nesse momento, ela re-constrói o imaginário do sujeito, constrói alí um imaginário novo para o sujeito. Esse é o momento ideológico, a ideologia em ato na Outra Cena. É o lugar do sujeito, o momento em que a ação estratégica substitui o imaginário do sujeito pelo da organização. É o ápice da atuação da organização sobre o sujeito e seu inconsciente. É sua interpelação como Sujeito. O momento sublime da

divinização da organização pelo sujeito. O momento em que, por fazer parte da empresa, o sujeito a incorpora. Como o portuário que grita, na greve, “o porto é nosso!”. Ele não pode mais separar-se dela, da organização. Não pode mais imaginar um comportamento diferente. Trata-se de um mecanismo preciso de manipulação do inconsciente porque esse sujeito não pode, não pode mais, não poderá jamais, libertar-se desse abraço sufocante, que o mata para fazê-lo viver. Viver para ela. Como o portuário que “estufa o peito de orgulho” e diz: “40 anos operando grua”^{vi}, mas ao mesmo tempo, outro portuário, ao ser perguntado “o que significa o porto para você”, virou-se, olhou pela janela em direção ao porto, visível dali, e disse com profundo desprezo: “isso aí é uma m....!”. Esse portuário trabalhou 35 anos diretamente no porto e hoje pertence a um sindicato.

Mas é assim que a organização não pode ser desmistificada. A construção de sujeitos para sua devoção (o caso do portuário que diz “o porto é minha vida”) tem que ser, deve ser infalível. A organização, para tal, deve aparecer como um Ideal do Eu; deve aparecer como o Eu Ideal do sujeito.

A organização e o desejo do sujeito

A organização é, agora, o objeto do desejo do sujeito. A interpelação desse indivíduo enreda seus desejos, seu Ideal do Eu, a imagem de mãe protetora e amorosa. Essa interpelação inclui uma identificação narcísica. O sujeito é fisgado ali, em seu ego inflado. Ali, na sua frente, representados pela organização, estão seus ideais, está seu objeto de desejo. Ao por-se como seu objeto de desejo, a organização o faz feliz. De desejante, ele passa a ser o objeto do desejo dela. Lembremo-nos o que gritavam os portuários em greve, em Santos: “querem tirar o porto da gente!”. O mesmo ocorreu em uma greve num dos portos espanhóis, em que os grevistas gritavam “quieren quitar el puerto de nosotros!”. Em outras palavras, trata-se do aferrolhamento do sujeito pela organização. O Outro, finalmente, é uma exterioridade ao sujeito. Não habita nele, mas o envolve como uma rede. Fisgado, ele vê pelas tramas da rede; mas está preso nos seus nós. Nós da tessitura ideológica que o institui como sujeito da organização. Nós que representam o nós, o eu e ela, a organização. O indivíduo está morto e, por isso, viva o

sujeito! O sujeito que não vê que as tramas por onde entrevê são, na verdade, filtros, um resguardo por onde se vê refletido como aquele que é portador da imagem da organização, do discurso da organização, de seu Nome.

A organização o captura em seu delírio narcísico de grandeza: a soma de seu nome ao dela. A Outra Cena de sua segunda afiliação. Talvez esta seja até mais importante que sua afiliação originária. O nome da empresa talvez lhe seja até mais importante que seu nome paterno.

Em vários momentos da busca, por parte da organização, da interpelação do sujeito, da afiliação do sujeito, muito se fez no sentido de dar ao sujeito uma alma nova. Mas o nó ideológico está no fato de que a organização moderna mobiliza suas forças, conscientes e inconscientes, para imprimir sua marca, não apenas no corpo, no pensamento e na psique de seus sujeitos; ela quer mais, quer fazer isso na sociedade mesma em que está inserida.

Desse modo, estrategicamente falando, tudo que é feito, o é para que o sujeito não se dê conta de que é ele o verdadeiro ator, que a organização nada mais é que o reflexo do que ele faz. Por isso a questão é ideológica. E assim, a sociedade criou normas, leis, comportamentos, que não devem ser transgredidos; criou também, a figura do parasita social, do vagabundo, do Zé Carioca e de Carlitos, que, por não se conformarem ao sistema, estão, por isso mesmo, às margens do progresso e da modernidade. É o que está nas entrelinhas do homem econômico do taylorismo. Todos são indivíduos perigosos ao bem estar da sociedade por que não se sujeitaram.

A organização e a Outra Cena

A ação estratégica vai efetivar-se como o mecanismo de manipulação do inconsciente do sujeito inserido nessa Outra Cena que interpela o indivíduo como sujeito, primeiro porque é a ação estratégica o meio da interpelação; segundo porque, ao ser esse meio, ela constrói um cenário adequado a essa interpelação, que se constitui como a Outra Cena. Lá onde a ação estratégica desvia as pulsões do sujeito, *desvia o desejo* de seu caminho, pondo, no lugar original da Mãe, a *mãe*. Trata-se de uma subversão do

desejo pois, ali, o lugar que deveria ser ocupado por um sujeito concreto, passa a ser ocupado por um objeto, a organização, que se subjetiviza no inconsciente do sujeito. Passa a ser *ela*. Pior, passa a ser ela o objeto de identificação do sujeito. É ela a causa do engendramento do sujeito. É ela, ao ser a coisa com a qual o *Eu* se identifica, a causa do *Eu*. Assim, o agente da identificação é o objeto. Neste caso específico que aqui se descreve, o porto. E não mais o *Eu*.

Mas, o que é o desejo? É o movimento pelo qual o sujeito é descentrado. A busca do objeto de sua satisfação, quer dizer, do objeto da falta, faz o sujeito viver a experiência de que seu centro não está mais nele mesmo, que está fora de si num objeto do qual está separado, ao qual tenta se reunir para reconquistar sua identidade, sua unidade, e assim completar sua experiência de satisfação.

Na organização, a ação estratégica, no momento constitutivo dessa Outra Cena subverte o processo causador do sujeito do inconsciente, ao introduzir como objeto causador da identificação do sujeito, um objeto na sua mais exata acepção. Um objeto que *aparece* ao sujeito como *outro* sujeito. Melhor, Sujeito. Essa talvez seja a “doença profissional” por excelência deste século. Com o apoio e patrocínio da globalização. Mais exatamente, o mecanismo da manipulação do inconsciente, nesse cenário outro que não aquele da filiação primeira, quer dizer, neste que é o cenário da afiliação, é subverter a representação psíquica inconsciente que o sujeito tem do *outro*, desviando-a para a organização. Para a *imagem* da organização como o significante que representa esse outro (sujeito).

O que isso quer dizer, na organização? Na organização enquanto o *outro*, bem entendido? Que a representação psíquica inconsciente é prévia à existência do sujeito, representação que já se achava ali, e na qual virá escorar-se a realidade externa do outro, que passa a ter atributos de vivo. *Outro* que passa a ter *os* atributos *do* vivo que ele tanto quer ter.

O que acontece aí nessa Outra Cena é que a representação que já se encontra no inconsciente do sujeito se apresenta na imagem da organização. É essa representação psíquica inconsciente que vai se tornar o *significante*. Significante que vai se repetir sempre, sempre que ele, o sujeito, se vir inserido em um cenário que lhe represente essa

Outra Cena, que represente a representação inconsciente originária, o que significa dizer que ele vai sempre ver, ou procurar, aquela falta que não o deixa ser completo, que não o deixa se “completar”. O sujeito, na organização, não é completo pois o drama, e a trama, da globalização é não deixá-lo ser completo sem *ela*, a organização.

A organização impõe, assim, uma identificação imaginária do Eu à sua imagem, que reflete agora um *outro* amado, desejado, perdido. Essa identificação leva à filiação imaginária do sujeito. Instalada no *Eu*, essa imagem se repete tantas vezes quantas o sujeito sair de uma empresa e for para outra. Suas mudanças de empresa, de emprego, não significam, como ele afirma, como ele insiste em afirmar conscientemente, a busca de um emprego melhor, de um salário melhor, de melhores condições de trabalho, de uma empresa melhor. Significam, antes, a busca de uma empresa que melhor represente a representação psíquica inconsciente do objeto que preenche sua falta. Que melhor represente a *imagem* que ele mesmo construiu para ele, de um *Eu* seguro, forte, *amado*.

A empresa, melhor, o discurso da empresa, toma posse de sua parte do sujeito da enunciação. O sujeito, assim (a)filiado, (re)constituído, diz por ela; fala por ela; apresenta-a como um *nós*, eu e ela, *Eu* e ela, eu e *Eu*; representa-a, já que é reflexo de sua imagem, da imagem *dela*. Ele se vê nela. Vê ali o preenchimento de sua falta, a concretização de seu desejo. O Outro se externaliza nela. Ela é o *outro* imaginário sempre presente. Ela preenche, assim, uma falta que jamais será preenchida. Ela é a concretização de um desejo que jamais se concretizará.

Concluído o processo de identificação, o sujeito se vê, melhor dizendo, não se vê, prisioneiro de seu inconsciente já prisioneiro. Ele é “dito” por ela.

Sua interpelação como sujeito, mais do que ideológica, é narcísica. É uma apelação a seu narcisismo sempre presente, já que a *imagem* da empresa, significante que afilia o sujeito, ao aderir-se, ao somar-se àquele significante representado pela repetição da representação psíquica inconsciente que o sujeito constrói para preencher o que lhe falta, ao invés de engendrar um novo significante, pelo contrário, retorna à condição de significante-mestre que reinicia o processo de re-engendramento do *Eu*. Quer seja, a *imagem* que o sujeito vê, que reflete o objeto perdido que ele acredita ter encontrado, que ele acredita preencher sua própria falta, é sua própria imagem, que ele havia investido

como sendo a imagem do *outro*, que a empresa vai “subverter”: é ela esse *Eu*, esse *Outro*, essa falta. Igual para todos, torna todos iguais. Instalada no inconsciente, as imagens são iguais para todos os sujeitos.

Para a organização o processo se conclui aí: todos os sujeitos são iguais. Como as imagens em que eles se vêem. Como as imagens que eles meramente são.

A identificação imaginária designa, na organização, a manipulação desse lugar que é o *Eu*. Trata-se de uma re-formatação do *Eu* como que em um retorno à fase do espelho. Mas a fase mesma é imaginária, pois o espelho é uma Outra Cena, um cenário “fora de foco” que torna todos os sujeitos iguais, à imagem e semelhança de uma *imagem*.

As entrevistas realizadas nos portos demonstram, uma vez mais, que a empresa foi a inventora, do maior dos medos, quer seja, o medo que o sujeito tem de ser ele mesmo. Um medo que aliena o eu do próprio *Eu*. Mas, o pior de tudo é que, o sujeito que foi criado pela organização, é o mesmo sujeito que criou a organização. E continua sendo.

Metodologia da pesquisa e dados preliminares

A pesquisa cujo arcabouço teórico se descreveu acima, está sendo conduzida em três instâncias específicas de trabalho: os portos de Santos, A Coruña e Vigo.

Até o momento, foram entrevistados quinze trabalhadores em atividades portuárias (operadores de grúa, polícia portuária, piloto, inspeção de cais, estiva), todos com mais de dez anos de trabalho no porto. As entrevistas estão sendo analisadas utilizando-se o métodos da análise do discurso do sujeito coletivo, de acordo com Lefèvre e Lefèvre, com o fim de se construir um mapa com o tema chave da pesquisa, que é a percepção imaginária do portuário com relação ao porto, com o fim de se chegar ao como o portuário vê, sente, o porto. Para efetuar a análise das entrevistas, está-se utilizando o software Qualiquantisoft, ferramenta auxiliar na elaboração de análise de discurso do sujeito coletivo, que permite fazer uma análise qualitativa e outra quantitativa.

Nos porto de A Coruña e vigo, até o momento, dez foram entrevistados. Deste 10 portuários, 6 têm mais de 30 anos de trabalho no porto. Dois têm 40 anos de trabalho no porto. Dois têm uma história familiar, por assim dizer, com o porto, começando a história

da família com o porto desde os tataravós. Dois têm, também trabalhando no porto, um irmão e um filho.

Um dos portuários tem a mais interessante história familiar com relação ao porto:

- a) os pais dos bisavós (os homens, tanto do lado paterno quanto do lado materno) trabalharam no porto toda suas vidas;
- b) os bisavós trabalharam no porto toda a vida;
- c) os avós (os homens) trabalharam no porto toda a vida;
- d) o pai trabalhou toda a vida no porto;
- e) o entrevistado trabalha há 40 anos no porto (seu único emprego);
- f) um filho do entrevista trabalha no porto já há 20 anos (o primeiro e único emprego até agora).

Fala-se, assim, com um único exemplo, de 6 gerações de uma mesma família trabalhando no porto de A Coruña.

Além disso, as principais frases, retiradas dos discursos dos sujeitos entrevistados, depois de um recorte preliminar, mostram a percepção do portuário com relação ao que representa o porto para as cidades de A Coruña e vigo, assim como para eles mesmos (as pesquisas com o porto de Santos não estão, até este momento, analisadas).

Assim, para os portuários analisados o porto é:

- a) o coração da cidade;
- b) o pulmão da cidade;
- c) minha vida;
- d) um filho;
- e) minha outra família;
- f) o porto é algo meu;
- g) um membro de minha família.

Esta última frase foi dita com um gesto, por si, de grande eloquência. Depois de dizer que o porto lhe é como um membro da família, o portuário entrevistado respondeu à pergunta “Se fosse esse membro de sua família, quem seria?”, juntando as mãos, baixando a cabeça, e dizendo com forte emoção: “Meu pai!”.

Os portos, hoje

A situação no Porto de Santos, tal como se nos apresenta hoje, no que se refere aos vários sindicatos de portuários aí existente, está presenciando uma mudança gradativa de postura de seus dirigentes, principalmente no que se refere às mudanças estruturais e orgânicas no trabalho.

O exemplo mais crítico, e mais importante, vem do SETTAPORT - Sindicato dos Empregados Terrestres em Transportes Aquaviários e Operadores Portuários do Estado de São Paulo, que adquiriu imóveis na cidade de Santos, com a intenção de criar um “Centro Tecnológico do Portuário”, trabalhando em conjunto com duas universidades locais, com a finalidade de preparar seus associados para as mudanças orgânicas, estruturais e tecnológicas no que se refere ao trabalho no porto. No momento, já está inaugurada a Fundação SETTAPORT.

A intenção do sindicato é oferecer formação continuada para seus associados e familiares, partindo da premissa de que o trabalho no porto (e nos portos, de modo geral) mudará de manual para cada vez mais automatizado e, eventualmente, controlado a distância via internet ou outro procedimento via fibra ótica ou satélite. Assim, pressupõe o sindicato, numa mudança radical de postura, no que se refere ao poder e à estrutura de poder, que o portuário não será, como nos velhos tempos, portuário para sempre, e não estará mais submetido ao processo tradicional de dominação “sindicalmente” estruturado. Percebe-se, pois, que o processo de dominação muda seus modos, e seu meio de agir.

Passamos, assim, da fase taylorista ao prenúncio da pós-modernidade no trabalho. Primeiro, o trabalhador era as mãos e as pernas da empresa, era a força de trabalho; depois, deu-se a ele um coração, e ele passa a respeitar e a admirar a empresa; depois deu-se a ele uma cabeça, e ele passou a pensar para a empresa; depois deu-se a ele uma

alma, e ele passou a ter dedicação infinita pela empresa. Finalmente, neste que é o prenúncio da pós-modernidade, está se dando a ele uma visão para buscar por si mesmo novas saídas e soluções. A curto prazo, deseja-se que isso seja um benefício para o trabalhador. A longo prazo, que isso seja proveitoso para a empresa.

Muda-se, assim, o eixo do poder e a dinâmica da dominação. Como procurou-se mostrar neste texto, trata-se de um “mais além” da dominação.

No caso do Porto de A Coruña, as mudanças que estão ocorrendo, e que ocorrerão, fundam-se na construção do novo porto exterior de A Coruña e a conseqüente criação de espaço social no porto hoje existente.

O deslocamento de áreas portuárias da cidade para a costa, o deslocamento e a mudança do trabalho e dos serviços e procedimentos portuários, acarretará significativa mudança no estilo de vida da cidade, de seus habitantes e dos trabalhadores do porto, assim como alterará a estrutura dos arredores do novo porto exterior. A mudança na estrutura de poder no porto já é visível. Alguns portuários entrevistados percebem a mudança, considerada, possivelmente, como a mais importante dos mais de 2000 anos de existência desse porto.

Duas são as mudanças significativas, que já começam a aparecer, segundo alguns dos entrevistados. Primeiro, a transferência da atividade portuária para o Porto Exterior, além de tirar da cidade o constante risco de acidente causado pelos dutos de petróleo, gasolina, gás e outros granéis líquidos, sem contar o carvão, causador de grande parte da fuligem na zona monumental da cidade, tenderá a incrementar os negócios, levando ao crescimento da importância da cidade como um dos portos comerciais mais modernos da Espanha. Segundo, que a criação de espaço físico e a redução da periculosidade no espaço do atual porto, tenderá a incrementar as áreas de turismo, com a cidade voltando-se definitivamente para sua história de cidade marinheira e para uma possível concepção de cidade de turismo marítimo (e marinho). Não esquecendo, nesse grande espaço turístico que é a cidade e seu porto, a pesca desportiva e sua história céltico-romana. Influi aí, de certa forma, que, durante as escavações conduzidas na área do novo porto, descobriu-se os restos, em excelente estado de conservação, de um castro da idade do bronze.

No caso do porto de Vigo, a mudança mais significativa está ocorrendo na estrutura de poder do porto, em sí, com a expansão da zona franca. O porto aparece, para o portuário que ali trabalha como o “coração da cidade”, como “o pulmão da cidade”. Para alguns dos entrevistados, o incremento do espaço e das atividades da Zona Franca só tende a beneficiar a cidade e seus trabalhadores^{vii}.

No que se refere à estrutura e à dinâmica do poder nos três portos, percebe-se, de imediato que:

- a) suas esferas de atuação são distintas (porto, cidade, sindicato, e no caso de Vigo, a zona franca),
- b) o meio utilizado para influenciar o portuário tem estrutura semelhante (o trabalho e o futuro do trabalho como significante),
- c) a forma como o portuário constrói sua “filiação imaginária” ao porto tem variações (algumas significativas: imagem de si-mesmo, imagem da família, imagem da mãe [a grande mãe provedora], imagem do pai).

Finalmente, aparece a imagem do sindicato como um possível eixo, em volta do qual o portuário poderia encontrar a solução para seu futuro. Um futuro que nenhum dos sujeitos, porto, sindicato e portuário, tem percepção clara do que poderia ser. O único ponto de concordância entre esses sujeitos é que ainda há muito o que se fazer para se resolver todos os problemas que a globalização trouxe.

O porto de Santos se vê, neste momento, envolto pela polêmica causada por forças políticas, internas e externas ao porto. Trata-se da discussão sobre a “regionalização”, a “municipalização” e a “estadualização” do porto. São termos, e por assim dizer, conceitos, pouco compreendidos até o momento, em que não se discute a “gestão do porto” e suas formas, preferindo-se usar termos ambíguos, como tomar o porto por um “pólo de poder”.

Conclusão

O que a pesquisa mostra, até o momento, dado ainda não estar concluída, é que alguns aspectos da abordagem teórica utilizada se comprovam. No que se refere aos portuários de A Coruña e Vigo, e algumas entrevistas realizadas no Porto de Santos, a “colagem” imaginária ao porto é percebida no momento em que o portuário começa a falar. À pergunta como você vê o porto, uma das respostas foi contundente: o porto é meu. Para esse mesmo portuário, a cidade é impensável sem o porto.

O porto aparece na fala dos portuários como duas grandes figuras: o porto é a Outra Cena vivencial, a “outra” família; e o porto é, perigosamente, o Outro, constituinte da subjetividade, e, neste caso, o sujeito do desejo. As frases são, por sí, enunciativas: nasci ao lado do cais; sou portuário por toda a vida; minha família tem 5 séculos de porto; o porto é minha outra mulher; o porto é minha outra filha. E, por outro lado, não menos enunciativas, estão frases como o porto é a alma da cidade; o porto é o coração da cidade; o porto é o pulmão da cidade; o porto é tudo.

No discurso desses portuários aparecem desde a enunciação mais interessante, pela alegria e satisfação com que foi dita: espero acabar minha vida no porto, e a mais contundente, que foi a do portuário que fez, nas entrelinhas de seu discurso, a colagem do porto ao Nome do Pai.

Parece ser, assim, neste momento, correto dizer que o porto é o objeto do desejo do portuário, sendo que sua interpelação enreda seus desejos, seu Ideal do Eu, uma identificação narcísica à imagem do porto como mãe protetora e amorosa ou como pai nomeador. O sujeito é fisgado alí, em seu ego inflado. Ali, na sua frente, representados pelo porto, estão seus ideais, está seu objeto de desejo. Ao por-se como seu objeto de desejo, o porto é capaz de fazê-lo feliz. De desejante, ele passa a ser o objeto do desejo. Por isso os portuários dizem: o porto é nosso.

Referências

ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. Althusser, a ideologia e as instituições. In: ALTHUSSER, Louis (1985), *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Introdução, p. 7-51.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANZIEU, Didier. *O Grupo e o Inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHANLAT, Jean-François. L'être humaine, un être de parole. In: *L'Individu dans l'Organisation: les dimensions oubliées*. Ottawa: Presses de l'Université Laval; Paris: Eska, 1990a. p. 33-35.

_____. L'être humaine, un être de désir et de pulsions. In: *L'Individu dans l'Organisation: les dimensions oubliées*. Ottawa: Presses de l'Université Laval; Paris: Eska, 1990b. p. 259-262.

CHANLAT, Jean-François. L'être humaine, un être symbolique. In: *L'Individu dans l'Organisation: les dimensions oubliées*. Ottawa: Presses de l'Université Laval; Paris: Eska, 1990c. p. 531-532.

ENRIQUEZ, Eugène. O trabalho da morte nas instituições. In: KAËS, R.; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E. et al. *A Instituição e as Instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 53-79.

FINK, Bruce. *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

FREDDO, Antonio Carlos; Junqueira, Luciano Antonio Prates; Aguiar, Maria Aparecida Ferreira de. O Sindicato dos Estivadores de Santos e o Processo de Modernização Portuária, *RAP - Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, FGV, v. 40, n. 6, p. 997-1017, 2006.

_____. *A Ideologia em Ato: a "filiação" imaginária do sujeito (um ensaio acerca da re-subjetivação dos sujeitos na organização moderna)*. 2. ed. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2004.

_____. Ética del deseo e estructura portuária pública, I Congreso Iberoamericano de Ética y Filosofía Política, Universidade de Alcalá, Consejo Superior de Investigaciones Científicas - CSIC, Alcalá de Henares (Madrid/España), 2002.

_____. Modernização portuária, poder e violência. Um ensaio sobre as forças sociais em ação no Porto de Santos, XXVI ENANPAD - Encontro Anual da Anpad, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Salvador (Bahia), 2002.

_____. O espelho da alienação. *Cadernos Posgrad*. Cadernos de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos. Universidade Católica de Santos. Santos: Editora Universitária Leopoldianum. Gestão de Negócios, n. 1, p. 1-28, dezembro de 2001.

_____. O Brasil hoje: uma visão sociológica. *RAP - Revista de Administração Pública*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 32(3):234-247, maio-jun./1998

_____. Filiação rejeitada. In: MEDINA, Cremilda, GRECO, Milton (org.). *Agonia do Leviatã: a crise do Estado Moderno. Projeto Plural: Série Novo Pacto da Ciência - 5*. ECA/USP/CNPq, v. 5, p. 361-370, 2.sem./1996

_____. O discurso da alienação nas organizações. *RAP - Revista de Administração Pública*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 28(1):24-33, jan.-mar./1994

GONZALES DURO, Enrique. *la Máscara de los Poderosos*. 1. ed. Madrid: Libertarias, 1999.

GREEN, André. *Narcisismo de Vida Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

GURMÉNDEZ, Carlos. *El Secreto de la Alienación y la Desalienación Humana*. 1. ed. Barcelona: Anthropos, 1989.

HABERMAS, Jürgen. Hannah Arendts Begriff der Macht. In: *Philosophisch-politische Profile*. 2. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991a. p. 228-248. [Tradução para o português sob o título O conceito de poder de Hannah Arendt. In: FREITAG, Barbara, ROUANET, Sérgio Paulo (org.). *Habermas*. São Paulo: Ática, 1980. (Grandes Cientistas Sociais, 15). p. 100-118].

_____. Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'. In: *Technik und Wissenschaft als Ideologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991b. p. 104-119.

_____. *Theorie des kommunikativen Handelns: Handlungsrationalität und Gesellschaftliche Rationalisierung*. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988a. v.1.

_____. *Theorie des kommunikativen Handelns: Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988b. v. 2.

KAËS, René. *El Grupo y el Sujeto del Grupo: elementos para una teoría psicanalítica del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

LACAN, Jacques. Análise do discurso e análise do eu. In: *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, livro 1. p. 77-86.

_____. O eu e o outro. In: *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, livro 1. p. 50-65.

_____. A introdução do grande Outro. In: *O Seminário: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. Livro 2. p. 296-311.

_____. Posición del inconsciente. In: *Escritos 2*. 17. ed. México: Siglo XXI, 1995. p. 808-829.

_____. La metáfora del sujeto. In: *Escritos 2*. 17. ed. México: Siglo XXI, 1995. p. 867-870.

_____. A produção dos quatro discursos. In: *O Seminário: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, livro 17. p. 9-24.

_____. A tópica do imaginário. In: *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, livro 1. p. 89-106.

_____. A ordem simbólica. In: *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Livro 1. p. 251-265.

_____. El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: *Escritos 1*. 18. ed. México: Siglo XXI, 1995. p.86-93.

LAMO DE ESPINOSA, Emilio. *La Teoría de la Cosificación: de Marx a la Escuela de Francfort*. Madrid: Alianza, 1981.

LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. *O discurso do Sujeito Coletivo. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul : Educs, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *Lógica da Dominação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PAGES, Max; BONETTI, Michel; GAULEJAC, Vincent de et al. *O Poder das Organizações*. São Paulo: Atlas, 1990.

SILVEIRA, Paulo A. “A constituição alienada do sujeito”. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo, 1991.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie*. 5. rev. Aufl. Tübingen: Mohr, 1980.

NOTAS

i No sentido de um cenário imaginário que reproduz as condições da cena imaginária originária, primordialmente a infância vivida com a mãe. No caso, o porto como uma produção, e como uma projeção, imaginária da casa materna.

ii A uma acção orientada al éxito la llamamos de estratégica cuando es considerada de acuerdo con la observancia de reglas de lección racional, y evaluado el grado de eficiencia obtenido en la tentativa de influir en las decisiones de un otro sujeto. La acción estratégica se aplica a las acciones sociales en que los individuos se rigen por reglas de elección racional llevando en cuenta las consecuencias que pueden tener en las decisiones de un otro sujeto. Significa eso decir que en el cálculo que un individuo hace de su propio éxito hay una expectativa en cuanto a las decisiones de al menos un otro individuo que también actúa, en algún grado, con vistas a la realización de sus propios propósitos (Jürgen Habermas, *Theorie des kommunikativen Handelns: Handlungsrationaltät und gesellschaftliche Rationalisierung*, p. 127). Cf. Max Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft*, principalmente parte I, capítulo 1, *Soziologische Kategorienlehre* e 2, *Soziologische Grundkategorien des Wirtschaftens*.

iii Chamo, aqui, de “cenário perlocucionário” a toda “construção” que, ao moldar as convicções, a concordância, a confiança e a atenção do indivíduo, busca despersonalizar o sujeito, transferindo sua afetividade para a organização, conduzindo-o a uma dependência psíquica com relação a ela. O “cenário perlocucionário” tem como objetivo instaurar a manipulação do inconsciente do sujeito pela organização, pela identificação do sujeito com o *outro*, essa exterioridade significativa que o “marca”, a imagem da organização (o Outro). Cf. FREDDO, Antonio Carlos, *A Ideologia em Ato: a “filiação” imaginária do sujeito* (um ensaio acerca da *re-subjetivação* dos sujeitos na organização moderna). São Paulo: Fiuza & Jundurian, 1998; “O discurso da alienação nas organizações”. *RAP - Revista de Administração Pública*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 28(1):24-33, jan.-mar./1994.

iv Veja-se Weber, parte 1, capítulos 1 e 2.

v Ver Enrique Gonzáles Duro, *La máscara de los poderosos*.

vi Segundo um dos sindicatos do Porto de Santos, há portuários com mais de 50 anos de trabalho no porto de Santos; em Vigo e A Coruña há portuários com mais 40 anos de trabalho no porto. Todos, até o momento, continuam trabalhando nos portos.

vii Espera-se dar esta pesquisa por concluída no primeiro semestre de 2008.